

FUTEBOL E MODERNIDADE: CONTRADIÇÕES DE UMA SOCIEDADE EM MUDANÇA

Miguel Archanjo de Freitas Jr.¹
José Carlos Mosko²
Vinicius Marques de Souza³

Resumo

Buscou-se neste estudo analisar o processo (re)estruturação do selecionado de futebol brasileiro durante toda a década de 1950, destacando-se as tensões e contradições presentes nesta configuração. Destacando a forma com que a mídia trabalha com a criação de mitos, como estratégia que visa garantir a identificação do torcedor com o selecionado nacional. Os discursos emitidos revelam a tensão entre aquilo que se busca ser e o que realmente somos. Algo que pode ser percebido no dilema presente nos discursos de Nelson Rodrigues, para quem a principal dificuldade em definir o nosso caráter nacional era – ser ou não ser vira-latas.

Palavras-chaves: Futebol, sociedade, modernidade.

O objetivo do presente estudo é analisar qual foi o papel atribuído ao futebol nacional, no contraditório processo de inserção da sociedade brasileira na modernidade dos anos de 1950. Este esporte é visto como um microcosmo do caráter nacional brasileiro, no qual a derrota de 1950 ocorrida no jogo final em pleno Maracanã foi descrita como evidência da nossa impotência enquanto um povo despreparado. Algo que se repete em 1954, quando ao enfrentar as adversidades decorrentes de um jogo decisivo os brasileiros demonstraram descontrole psicológico e utilizaram à violência física, como um elemento compensatório da frustração ocorrida dentro do campo de jogo. Sendo retratado pela intelectualidade da época como sinal de descontrole de um povo imaturo no aspecto psicológico, cultural e esportivo.

Após estas derrotas a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) propôs um plano modernizador para o futebol brasileiro, visando levar para a Copa do Mundo da Suécia uma equipe escolhida a partir de um perfil idealizado para o homem brasileiro, que tinha como referência o ethos de uma elite letrada, responsável em criar e aplicar este planejamento. Acompanhando a cultura política daquele momento em que a transformação de vários segmentos sociais ocorria de forma acelerada, buscou-se modificar a aparência física e psicológica dos atletas que iriam representar o povo brasileiro, de maneira que eles refletissem a imagem idealizada para um país desenvolvido, que havia superado o atraso sócio-cultural normalmente atribuído à mistura de raças e a personalidade do homem brasileiro.

Enquanto uma sociedade conflituosa, grande parte dos intelectuais tinha vergonha das atitudes e da imagem que eram expressas pelos brasileiros, para eles o principal problema estava nos tipos humanos:

... quase sempre pessoas pobres, lutando pela vida, ou tipos debochados e cafajestes, malandros que fugiam às normas de conduta da burguesia.

¹ Doutorando UFPR, UEPG, CAPES. Grupo de Pesquisa – Futebol e Sociedade.

² Mestre, UEPG. Grupo de Pesquisa – Futebol e Sociedade.

³ Especialista, DOM BOSCO. Grupo de Pesquisa – Futebol e Sociedade.

Alguns segmentos da sociedade brasileira passaram a gestar um outro projeto de cultura, que pudesse representar a face civilizada do povo brasileiro, provando a capacidade técnica e criativa da nossa sociedade frente a centros urbanos valorizados da Europa e dos Estados Unidos.⁴

O pensamento intelectual nacional da década de 1950, pode ser visto como um esforço reiterado e contraditório de criar as condições necessárias para a modernização. Primeiro no sentido de fazer com que a Sociedade e o Estado compreendendo as instituições sociais, econômicas, políticas e culturais acompanhassem os padrões estabelecidos pelos países capitalistas mais desenvolvidos. Segundo, pela necessidade de auto-conhecimento, acreditando que isto poderia levar a resolução de vários problemas recorrentes atribuídos a formação colonial e a miscigenação.

A leitura deste material indica que muitas vezes, foi construída uma imagem dramatizada da angústia nacional de superar o atraso. Na visão destes agentes era fundamental o Brasil vencer uma Copa do Mundo de Futebol, para fornecer um exemplo concreto de que o país estava pronto para manter relações sem sentir-se inferiorizado frente aos países desenvolvidos.

No limite é possível dizer que fora criada uma agenda de modernização para o país, estabelecida de forma não planejada a partir das várias transformações ocorridas no interior da sociedade que buscava vencer o subdesenvolvimento, ao mesmo tempo em que era pressionada pela expansão do capitalismo internacional. Terminada a segunda guerra mundial, nações economicamente estáveis, como por exemplo, os Estados Unidos, canalizaram os seus investimentos para auxiliar na reconstrução dos países diretamente afetados pelos combates, após a conclusão deste projeto os centros capitalistas precisavam escoar o seu capital econômico excedente e neste contexto, os interesses comerciais se voltaram para os países do terceiro mundo, que foram vistos como um lugar lucrativo para a exportação de divisas.⁵

Frente às pressões internas que apontavam para a necessidade de industrializar o país para que ele pudesse adentrar na modernidade, o governo brasileiro mesmo sofrendo fortes críticas das vertentes nacionalistas, optou pela internacionalização da sua economia.⁶ Superar o atraso econômico, político e cultural passou a ser a tônica dos discursos intelectuais, fornecendo subsídios para a criação do *Mito* em torno da idéia do “Brasil Moderno”, o qual se tornou um instrumento ideológico importante nas relações entre os diferentes segmentos sociais, sustentando principalmente as articulações entre o Estado e os intelectuais. A intelligentsia brasileira ocupou um papel central na elaboração do projeto nacional-desenvolvimentista, pois coube a eles a missão de detectar os problemas e apresentar as propostas para a transformação da sociedade brasileira.⁷

⁴ NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 17-18.

⁵ MENDONÇA, Sônia Regina de. Dez anos de economia brasileira: história e historiografia (1954-1964). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 14, n. 27, 1994. p. 89.

⁶ *Ibid.* p. 89-91.

⁷ O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) foi criado em julho de 1955 como órgão do Ministério da Educação e Cultura. Foi um dos núcleos mais importantes da elaboração da ideologia nacional-desenvolvimentista que marcou a política brasileira desde a morte de Getúlio Vargas (1954) até a deposição de João Goulart (1964). A esse respeito cf. BELOCH, Israel e ABREU, Alzira Alves (coord.). **DHBB – Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro: 1930-1983**. Rio de Janeiro: Forense Universitária/Cpdoc, 1984.

Para analisar a modernidade como uma categoria central do debate ocorrido na década de 1950, é preciso compreendê-la na relação dinâmica estabelecida com os vários segmentos sociais que foram obrigados a se adequar rapidamente às novas exigências de uma sociedade em transição. Le Goff indica vários elementos que influenciaram no entendimento deste conceito no decorrer da história, mostrando que a modernidade não deve ser determinada somente através das variações econômicas:

... a revolução industrial vai mudar radicalmente os termos da oposição no par antigo/moderno na segunda metade do século XIX e no século XX. Aparecem três novos pólos de evolução do conflito: na passagem do século XIX para o século XX, movimentos de ordem literária, artística e religiosa reclamaram-se ou são rotulados de modernismo – termo que marca o endurecimento, pela passagem à doutrina de tendências modernas até então difusas; o encontro entre países desenvolvidos e países atrasados leva para fora da Europa ocidental e dos Estados Unidos os problemas da modernização, que se radicalizam com a descolonização posterior à Segunda Guerra Mundial; para concluir no seio da aceleração da história, na área cultural ocidental, simultaneamente por arrastamento e reação, aparece um novo conceito, que se impõe no campo da criação estética, da mentalidade e dos costumes: a modernidade.⁸

Este intelectual demonstra que a modernidade é um conceito plural, que nos países subdesenvolvidos tem como referência os valores culturais que são apresentados pelos países mais avançados, principalmente no que se refere à forma com que uma determinada Nação pensa, apresenta e valoriza a sua cultura. Esta falta de consciência nacional e de autocrítica é apresentada por intelectuais do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) como sinal de alienação do povo brasileiro.⁹

Ao analisar o envolvimento deste instituto na estrutura política do período, Ortiz indica que eles construíram uma teoria para se pensar o Brasil, tendo como um dos seus eixos centrais o conceito de cultura. Os isebianos ampararam-se na filosofia e na sociologia alemã, visualizando a cultura como um elemento de transformação sócio-econômico, pensando-a como um instrumento capaz de auxiliar na busca da autenticidade e na construção da identidade brasileira.¹⁰

Entretanto, acontece neste momento uma tensão entre os hábitos presentes no velho Brasil rural, que passou a conviver com um projeto modernizador, que a partir dos investimentos externos ia industrializando o país de forma acelerada e trazia consigo a influência da cultura norte-americana transmitida para um novo público urbano, ávido por novidades, mudanças e consumo:

... O sonho americano penetrava no Brasil, dando suporte às iniciativas culturais que visavam atualizar o país com relação à modernidade dos centros industrializados. O cosmopolitismo, o romance psicológico, a renovação da linguagem da imprensa, a profissionalização do teatro preocupado com a arte pela arte, o cinema industrializado e o surgimento da televisão são elementos novos do panorama cultural.¹¹

⁸ LE GOFF, Jaques. “Antigo/Moderno”. In: **Enciclopédia Eunaudi**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p.378.

⁹ ROLAND, Corbisier. **Formação e problema da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: ISEB, 1958. p.40.

¹⁰ ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003. p.46.

¹¹ ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.51-52.

A incorporação de um novo ethos está diretamente relacionada com a transformação do panorama sócio-econômico do país. Neste aspecto, destaca-se a melhoria do poder aquisitivo das camadas populares, que migraram do campo para a cidade em busca de novas oportunidades criadas pelas indústrias que se instalavam no Brasil.¹² Uma das principais conseqüências da modernização forçada, ocorrida em setores como a cultura e a economia brasileira, foi a desorganização da estrutura local, promovendo e/ou acelerando as rupturas já existentes, levando a exclusão social de uma parcela significativa de indivíduos, que ficaram sem acesso a escola, a saúde, ao emprego, sem habitação, etc.

Estes grupos excluídos não possuíam representação política, o que criava um clima ambíguo entre um Brasil arcaico e um Brasil moderno. O Brasil moderno era restrito para uma minoria de incluídos e a grande maioria das pessoas, devido a sua baixa capacidade de organização e reivindicação, bem como o desinteresse do Estado e da sociedade em atendê-los, recorre a uma política de representação difusa, caracterizada pela presença de um proletariado sem consciência de classe, uma classe dirigente em crise de hegemonia; e um líder carismático, cujo apelo transcende fronteiras sociais. Este estilo de governo foi definido pela sociologia política como sendo Populismo.¹³

É no bojo do projeto populista que começa a se formar uma tradição mais politizada da cultura. Mesmo apresentando diversas correntes de pensamento, o povo aparece como um elemento central para o desenvolvimento da Nação. Se para uma parte da *intelligentsia* eles eram capazes de revelar o que o Brasil tinha de autêntico, para outros setores o povo precisava ser educado, cabendo aos intelectuais esta missão e isto deveria ser feito fundamentalmente através da mudança dos hábitos culturais.

Neste contexto, o futebol enquanto um objeto de massa proporcionava uma significativa integração identitária, sendo representado pelos cronistas como um dos elementos presentes no discurso nacional, que buscava a superação de mitos e atrasos presentes na sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, que possibilitava aos torcedores sentirem-se brasileiros, (principalmente com o retorno da Copa do Mundo em 1950), o que possibilitou uma maior coesão popular em torno do desejo de vitória do selecionado nacional. Para uma parte dos intelectuais brasileiros, isto era sinal de alienação, pois ao se preocupar com este tipo de atividade perdia-se “a consciência do seu papel na construção da nação. [...] Fazer cultura se transforma em fazer política. A cultura é identificada à conscientização, jamais à diversão”.¹⁴

A COPA DO MUNDO DE 1958 e um novo plano para o futebol brasileiro

Observando a forma com que foi estruturado o Plano Paulo Machado de Carvalho (PPMC) é possível acreditar que a preocupação inicial da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) era de que o Brasil fosse visto como um país moderno, sem problemas básicos, como saúde, alimentação e educação. Por isso, uma das primeiras atitudes foi modificar a imagem dos jogadores que representariam o país. Em

¹² NAPOLITANO, Marcos. Op cit. p. 12-13.

¹³ FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e a sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. *passim*.

¹⁴ VELLOSO, Mônica Pimenta. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.183.

última instância pode-se dizer que as elites locais estavam envergonhadas de serem representados por negros/mulatos, incultos, desdentados e com grandes dificuldades para se controlar em situações de adversidade.

Isso interferiu para que um dos primeiros cuidados fosse voltado para a questão estética, o que levou os atletas a realizarem inúmeros testes de saúde, a arrumar os dentes e a controlar os seus impulsos nervosos. Como demonstra Ernesto Rodrigues, ao tratar deste planejamento: “O relatório de Havelange não deixava dúvidas – Quem não se ajustasse ao programa que fizemos com a ajuda de médicos e psicólogos seria cortado da seleção. Só iria para a Copa da Suécia quem estivesse mentalmente preparado”.¹⁵

Esta adequação comportamental foi vista como pré-requisito para a obtenção de resultados significativos fora e dentro de campo: “Em síntese, o que Paulo Machado de Carvalho queria saber de nós, jornalistas, era por que nunca alcançáramos sucesso jogando em casa ou fora, apesar de possuímos um grande futebol, um enorme talento”.¹⁶

A leitura do regulamento criado para nortear o comportamento dos jogadores que iriam representar o Brasil na Suécia, indica que ele foi escrito por pessoas de uma elite letrada, que a partir do seu habitus e das suas referências sobre o que seria um homem moderno, estabeleceram normas de conduta para indivíduos que eram considerados incapazes de se auto-adequar as exigências de uma sociedade civilizada. Pelo relatório realizado por Lyra Filho a CBD, sobre a seleção de 54 e principalmente pela realidade social das pessoas de cor do Brasil na década de 50 é possível acreditar que a grande maioria dos jogadores não conseguiu compreender boa parte do que estava escrito no planejamento, devido o nível de erudição com que este foi escrito. O que deve ter levado os dirigentes da CBD a explicarem verbalmente muitas das exigências apresentadas.

O início deste planejamento foi baseado nas observações dos argumentos apresentados para as derrotas do futebol brasileiro nas Copas de 1950 e 1954. Pode-se dizer que era praticamente unânime o posicionamento de que o problema estava no homem brasileiro e não na falta de técnica do jogador. Diante disto, buscou-se transformar o futebol intuitivo (futebol-arte) em futebol de laboratório, onde a espontaneidade fora racionalizada (futebol moderno), pois para os dirigentes brasileiros, bem como para a crônica esportiva em geral os problemas precisavam inicialmente ser resolvidos fora de campo, para que dentro dele pudesse conseguir os resultados esperados. Isto nos remete para uma questão instigante: - o que é preponderante para que um selecionado vença o jogo: os jogadores ou a organização da equipe?

Não é prudente estabelecer uma ordem hierárquica para responder esta questão. Até porque a própria Copa do Mundo fornece alguns exemplos que podem ajudar a pensar melhor esta relação dialética. Em 1958, por exemplo, houve todo um minucioso processo de estruturação do mundial e de preparação da equipe Sueca, que foi noticiada pela imprensa da época como modelo de organização, mas isto não foi suficiente para que os anfitriões vencessem a Copa do Mundo. Da mesma forma, o futebol brasileiro foi considerado quase imbatível na Copa de 1950, mas acabou derrotado na partida final, posteriormente apresentando a falta de organização como uma das principais causas do fracasso.

¹⁵ RODRIGUES, Ernesto. **Jogo duro**: a história de João Havelange. São Paulo: Record, 2007. p.63.

¹⁶ BUARQUE, Paulo Planet. **Uma vida no plural**: jornal, rádio, televisão, política, justiça e muito futebol. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003. p. 62.

Pode-se dizer que organização e/ou eficiência técnica sozinhos, não produzem resultados satisfatórios. Isto nos leva a reconhecer que os esforços modernizadores do PPMC tiveram um papel importante na conquista do primeiro título brasileiro em uma Copa do Mundo, mas a sua eficácia foi decorrente de uma preocupação generalizada deste planejamento, que estava voltado para os aspectos técnicos, físicos, psíquicos, sociais e culturais dos jogadores. Algo que só se tornou possível devido a dedicação do grupo de trabalho montado para tentar identificar as principais carências do futebol brasileiro.

Planejamento e organização eram elementos presentes na cultura política dos Anos Dourados, sendo esta uma tendência mundial do pós Segunda Guerra, momento em que metodologias científicas, baseadas em diagnósticos, banco de dados, entrevistas... passaram a ser uma exigência da Organização das Nações Unidas (ONU) e de seus respectivos agentes financeiros como o Fundo Mundial Internacional (FMI), Banco Mundial (BM) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Isto se devia em grande parte como uma resposta à crítica de que o capitalismo não conseguia se desenvolver de forma equilibrada, algo que havia sido demonstrado pelas duas guerras mundiais e pela ameaça do comunismo diante de um cenário de pobreza e desigualdade presentes no mundo capitalista. Um dos principais teóricos deste tema foi o economista John Maynair Keynes, o qual indicava a importância de uma política intervencionista com participação do Estado para auxiliar na recessão decorrente dos períodos pós-guerra.¹⁷

No Brasil vários intelectuais estiveram assessorando JK para que ele pudesse montar o seu Plano de Metas, o qual foi criado a partir da observação de problemas que impediam o Brasil em prosperar (foram chamados de pontos estrangulamento), por outro lado os estudos identificaram que haviam vários setores que se fossem estimulados tinham potencial para ajudar o país a vencer o subdesenvolvimento (pontos de germinação).¹⁸ Não se trata de fazer uma colagem simplista, mas sim demonstrar que o PPMC não foi um ato isolado dos dirigentes da CBD, sendo um projeto criado em consonância com a cultura política daquele momento, onde planejamento e organização eram tidos como pré-requisitos para que se pudesse dialogar e quem sabe alcançar o reconhecimento das nações desenvolvidas. O futebol pode ser visto como uma tentativa de equilibrar as tensões de um processo de autocontrole individual, onde através de um planejamento realizado em vários níveis e que inicialmente foi exposto de forma restritivo, mas que apresentava as possibilidades de alterações e/ou adequações. Em última instância, foi estabelecida uma possibilidade de fazer com que houvesse maleabilidade na utilização do regulamento, confirmando a cultura brasileira de uma modernidade permeada por uma lógica dupla, onde os interesses sociais e a amizade prevalecem sobre as normas universais.

¹⁷ Sobre este autor vale a pena cf. PREBISCH, Raul. Keynes – uma introdução. São Paulo: Brasiliense, 1991. KEYNES, John Maynar. Teoria geral do emprego, do juro e da moeda. São Paulo: Atlas, 1992.

¹⁸ Entre os vários trabalhos que tratam desta questão, vale cf. GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA (ANPUH). **Brasil 1954 – 1964**. São Paulo: Marco Zero, v.14, n. 27, 1994. MOREIRA, Vânia Maria Losada (et al). Dossiê JK. **Revista Nossa História**. São Paulo, v. 2, n. 23, p. 12-29, set. 2005. MARANHÃO, Ricardo. **O governo Juscelino Kubitschek**. São Paulo: Brasiliense, 1981. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Resenha do Governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961)**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação, 1961. TREVISAN, Maria José. **50 anos em 5... a fiesp e o desenvolvimentismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. FURTADO, Celso. **Os ares do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

No sentido elisiano estes acontecimentos podem ser vistos como um processo que tem nas relações sociais e inter-pessoais a possibilidade de um entendimento da transformação em diferentes níveis, que deveria levar a comportamentos diferentes daqueles realizados anteriormente. A eficiência deste projeto modernizador pode ser medido a partir do momento em que a auto-regulação e a auto-coação, se tornam mais fortes do que as normas impostas externamente.¹⁹ O processo de transformação é visualizado através da possibilidade de encontrar formas de comportamentos aceitáveis, não pela escolha do indivíduo, mas por parâmetros socialmente determinados e aceitos na maioria das sociedades. Tornava-se necessário os jogadores readaptarem os seus costumes, para que eles pudessem ser aceitos no mundo moderno:

Concluindo

Entender os mecanismos de controle da CBD e a forma com que eles foram recebidos pelos jogadores e representado pela mídia é algo bastante importante para que se possa perceber as contradições presentes na sociedade brasileira em um momento de transformações das tradições, frente a conquista do primeiro título mundial de futebol.

Durante a realização deste estudo, verificou-se que uma das grandes dificuldades em trabalhar academicamente com o tema futebol, é que ele se encontra permeado pela presença de sentimentos como a paixão, a vergonha, o ressentimento, o ódio, a solidariedade... Compreendê-los é um desafio que se coloca para o pesquisador das Ciências Sociais e Humanas, pois normalmente estes sentimentos são colocados como contradição das ações racionais e neste caso acaba havendo a supervalorização da razão sobre a paixão. É neste paradoxo encontrado entre as ações racionais e os sentimentos, entre o moderno e o tradicional que podemos localizar os sentimentos, os sonhos e as utopias presentes em um determinado momento de uma sociedade que para chegar a modernidade precisou reconhecer que a sua riqueza não estava no modelo europeu idealizado, mas na capacidade de conseguir valorizar e fornecer condições mínimas de vida para os seus representantes.

O PPMC pode ser visto como uma síntese das preocupações que estavam presentes no pensamento intelectual daquele momento, levando os dirigentes a interferirem no autocontrole, na forma de se vestir, se comportar, se relacionar com os outros, chegando inclusive a influenciar na estética dos jogadores que iriam representar o Brasil na Europa. Ao analisar este projeto percebeu-se que ele foi uma resposta para as exigências de um país que se modernizava rapidamente e para o qual o futebol tradicional já não representava mais os anseios da população.

Dentro do espírito desenvolvimentista da época, a *intelligentsia* se proclamou responsável em conscientizar o povo. Para atingir o objetivo almejado, o povo brasileiro é idealizado e por isso, precisava ser educado, o que em última instância significa tentar acompanhar as exigências impostas pelos países desenvolvidos. Neste sentido, a análise das Copas do Mundo de 1950, 1954 e 1958, revelou muitos dilemas presentes nos meandros da sociedade brasileira, mostrando que o Brasil consegue chegar a modernidade, contudo ele não abandona muitos dos seus hábitos tradicionais, logo esta modernidade é forçada, simbólica e inconclusa.

¹⁹ ELIAS, Norbert. **Os alemães**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELOCH, Israel e ABREU, Alzira Alves (coord.). **DHBB – Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro: 1930-1983**. Rio de Janeiro: Forense Universitária/Cpdoc, 1984.

BUARQUE, Paulo Planet. **Uma vida no plural**: jornal, rádio, televisão, política, justiça e muito futebol. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e a sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. *passim*.

FURTADO, Celso. **Os ares do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

LE GOFF, Jaques. “Antigo/Moderno”. In: **Enciclopédia Eunaudi**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

MARANHÃO, Ricardo. **O governo Juscelino Kubitschek**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Dez anos de economia brasileira: história e historiografia (1954-1964). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 14, n. 27, 1994.

MOREIRA, Vânia Maria Losada (et al). Dossiê JK. **Revista Nossa História**. São Paulo, v. 2, n. 23, set. 2005.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira**: utopia e massificação (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2001.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____ **.A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Resenha do Governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961)**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação, 1961.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA (ANPUH). **Brasil 1954 – 1964**. São Paulo: Marco Zero, v.14, n. 27, 1994.

RODRIGUES, Ernesto. **Jogo duro**: a história de João Havelange. São Paulo: Record, 2007.



1º ENCONTRO DA ALESDE
“Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”
UFPR - Curitiba - Paraná - Brasil
30, 31/10 e 01/11/2008

ROLAND, Corbisier. **Formação e problema da cultura brasileira.** Rio de Janeiro: ISEB, 1958.

TREVISAN, Maria José. **50 anos em 5...** a fiesp e o desenvolvimentismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.